

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 06

Data: 13 de maio de 1977

Pg.: _____

'Governo não pensa em atrasar Carajás'

O ministro Shigeaki Ueki, das Minas e Energia, descartou qualquer possibilidade de um congelamento do projeto Carajás, a despeito da crise que atualmente atinge o mercado mundial de minério de ferro. "Carajás — assegurou — não terá o mesmo destino de Itaquí" (a usina de aço cuja implantação foi adiada "por alguns anos").

Segundo Ueki, será feito um esforço para convencer os eventuais novos parceiros internacionais da Companhia Vale do Rio Doce no empreendimento — japoneses, ingleses e espanhóis — de que investir em Carajás em época de crise significava obter vantagens extras quando vier o "boom", "o que fatalmente ocorrerá, provavelmente ainda nesta década".

O ministro reconhece que essa tarefa é difícil, admitindo que o desinteresse da U.S. Steel em tocar o projeto, e a indecisão até agora revelada pela Nippon Steel, são justamente uma consequência da recessão na produção mundial de aço, que no corrente ano não vai superar sequer o resultado obtido em 1974.

A prova de que o governo não pretende paralisar o Projeto Carajás, pelo menos até onde isso for possível, é que o ministro Shigeaki Ueki, com o apoio do presidente Geisel, passou a pressionar a U. S. Steel a partir de fevereiro, concedendo-lhe prazo — esgotado no início deste mês — para uma definição. O governo brasileiro percebeu que a estratégia da empresa americana era ganhar tempo, à espera de uma recuperação do mercado, o que poderia levar o Projeto Carajás à mesma situação de Itaquí, ou seja, seu adiamento por

tempo indefinido, até que a situação melhorasse.

Para a U. S. Steel, que tem exploração de minério de ferro em várias partes do mundo, essa política poderia justificar-se, em função do seu interesse de não aumentar demasiadamente a oferta de minério de ferro, num regime de contração da procura, o que resultaria em queda de preços. Esta não é a posição do Brasil, e particularmente da Companhia Vale do Rio Doce, que só dispõe de minério extraído de suas minas no Brasil, e tem interesse em aumentar sua fatia no mercado mundial. Houve, em consequência, uma divergência de interesses, num dos aspectos fundamentais do processo, que é a comercialização.

Tão logo a U. S. Steel decidiu abandonar o projeto, o ministro Shigeaki Ueki mandou acelerar as providências destinadas a encontrar novos parceiros. O presidente da Amazônia Mineração — Amza — empresa constituída pela CVRD, com 51% das ações, e pela U. S. Steel, com 49% Euclides Triches, viajou para os Estados Unidos, com o propósito de negociar a compra das ações da U. S. Steel na Amza.

Em princípio, ficou definido que a Vale do Rio Doce comprará as ações da U. S. Steel na Amza pelo valor atualizado do investimento que a empresa americana fez no Projeto Carajás, a partir da constituição da Amazônia Mineração, e que foi creditado a título de participação acionária.

O investimento, feito em parcelas, a partir de 1974, corresponde a cerca de 60 milhões de dólares, mas ainda não se conhecem os critérios de atualização a serem seguidos. De qual-

quer forma, a partir da compra das ações da U.S. Steel, a Amza será cem por cento controlada pela Vale do Rio Doce, significando que a propriedade da reserva de Carajás também passará a ser exclusivamente da empresa brasileira.

Ao mesmo tempo em que, nos Estados Unidos, Euclides Triches negociava com a U.S. Steel a compra de suas ações na Amza e a anulação da associação com a CVRD, em Londres, o presidente da Vale, Roquette Reis, reafirmava o interesse na participação da British Steel no empreendimento, praticamente formalizado através de uma proposta de intenções, já em poder da empresa brasileira.

Segundo o ministro Shigeaki Ueki, no primeiro momento, o objetivo da Vale é confirmar a participação da Nippon Steel, da British Steel e da Altos Hornos de Viscaya (espanhola), o que poderá representar um compromisso de reserva de mercado para 20 a 25% do minério a ser produzido por Carajás.

Paralelamente — e esta é uma das atribuições do presidente da CVRD atualmente na Europa, e o ser do próprio ministro, em sua viagem a Londres e Paris, a partir de amanhã —, a Vale pretende buscar outros parceiros, inclusive no Leste europeu, com o propósito de fechar os 49% de reserva de mercado, de responsabilidade da U.S. Steel, logo no início de sua associação.

Para Shigeaki Ueki, mercado é a palavra chave para o sucesso de Carajás. O projeto custará entre 3,5 a 4,2 bilhões de dólares, a preços de novembro de 1976, mas esses números não assustam o ministro. Havendo mercado — diz ele — dinheiro é que não faltará.